

Vitória, 25 de outubro de 2024

REPOSTA AO RECURSO REFERENTE À NOTA DA AVALIAÇÃO EM PROVA ESCRITA DE CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS COM CÓDIGO DE INSCRIÇÃO ME24-17 – SUBMETIDO A PROCESSO SELETIVO PARA O INGRESSO EM 2025 NO CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PGCS-UFES)

Inicialmente, recorda-se que os termos do respectivo edital encontram-se disponíveis no publicamente no link: <https://cienciassociais.ufes.br/pt-br/selecao-2024-2025> (sublink: https://cienciassociais.ufes.br/sites/cienciassociais.ufes.br/files/field/anexo/edital_mestrado_2024_2025_1.pdf)

Conforme o mesmo documento, as etapas do processo seletivo são:

Nº	ETAPA	TIPO	PESO	VALOR	Pontuação mínima para aprovação	Pontuação mínima para aprovação de cotistas (étnico-raciais, trans e deficientes)
1ª	Avaliação do Projeto de pesquisa	Eliminatória e classificatória	2	100,0	70,0	60,0
2ª	Prova escrita de conhecimentos específicos	Eliminatória e classificatória	2	100,0	70,0	60,0
3ª	Arguição oral sobre o projeto de pesquisa	Eliminatória e classificatória	2	100,0	70,0	60,0
4ª	Currículo lattes	Classificatória	1	100,0	-	-

O recurso refere-se à 2ª. etapa, e, como estipulado no quadro acima, no item 5, “Das etapas do processo de avaliação”, há a explicitação de que a referida etapa é **“Eliminatória e Classificatória”**, com peso 2, cuja pontuação mínima para a aprovação é de **70,0 pontos** para candidatas/os de ampla concorrência e **de 60,0 pontos** para candidatas/os cotistas (étnico-raciais, trans e deficientes).

O recurso, remetido por e-mail, no corpo da mensagem, conforme encaminhado à comissão avaliadora, afirma: "Gostaria de apresentar minha solicitação de reconsideração da nota referente à prova de ingresso ao curso de Mestrado, **ciente de que meu desempenho ficou aquém do necessário**" (Grifos nossos)

Abaixo, a sinopse da avaliação:

Código Inscrição	Avaliação questão 2	Avaliação questão 3	Nota Final na Prova de Conhecimentos Específicos
ME24-17	15,00	20,00	35,00

Segue abaixo, os comandos das questões escolhidas pelo candidato:

“Questão 2) Debata os conceitos de fronteira em F. Barth, de hibridez (híbrido e hibridização) cultural em Ulf Hannerz e estabeleça possíveis diálogos com a concepção de encruzilhada de José Carlos dos Anjos.

Questão 3) “Depois dos egípcios e indianos, dos gregos e dos romanos, dos teutos e dos mongóis, o negro é uma espécie de sétimo filho, nascido com um véu e dotado de clarividência neste mundo americano — um mundo que não lhe deixa tomar uma verdadeira consciência de si mesmo e que lhe permite ver a si mesmo apenas através da revelação do outro mundo. É uma sensação peculiar, essa consciência dual, essa experiência de sempre enxergar a si mesmo pelos olhos dos outros, de medir a própria alma pela régua de um mundo que se diverte ao encará-lo com desprezo e pena. O indivíduo sente sua dualidade — é um norte-americano e um negro; duas almas, dois pensamentos, duas lutas inconciliáveis; dois ideais em disputa em um corpo escuro, que dispõe apenas de sua força obstinada para não se partir ao meio.” (Du Bois, W.E.B. As almas do povo negro. São Paulo: Veneta, 2021, p.21-22)

A partir do trecho acima, disserte sobre as conexões entre relações sociais, desigualdades e estratificações nas obras de Paul Gilroy, Oyèrónkẹ Oyěwùmí e Cedric Robinson.”

Segue, ainda, a chave de resposta para as duas questões:

“Questão 2) As fronteiras étnicas (e/ou particularidades sociais) e sua manutenção constituem o foco da investigação de Barth sobre grupos étnicos. Segundo ele, a fronteira não é física ou geográfica, é social, pois diz respeito aos limites (critérios e normas) postos pelos grupos étnicos para estabelecer a diferença e o pertencimento (ou exclusão) entre “nós” e “os outros”. A fronteira também não é um elemento de separação, isolamento social e xenofobia cultural, mas se refere aos lugares e contextos sociais de contatos, relações e interações entre pessoas que pertencem a diferentes grupos e culturas. Por isso, as fronteiras não são barreiras impermeáveis, no sentido de que os integrantes dos diferentes grupos e culturas não conseguem atravessá-las, ao contrário, elas representam contextos sociais de fluxos e relações de trocas e interações constantes. As fronteiras étnicas permanecem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam e as distinções não dependem da ausência de mobilidade, contatos e informações, visto que mesmo nas mudanças, na interação e na interdependência, as diferenças persistem. Segundo o autor, o que delimita a fronteira do pertencimento e das diferenças são os sinais e símbolos diacríticos usados pelos integrantes dos grupos para demarcarem tais diferenças. Mesmo estabelecendo as diferenças, os grupos étnicos mantêm relações de interdependência e complementaridade, visto que estabelecem trocas de diversos tipos, desde os intercâmbios econômicos, bens e serviços, culturais, até as trocas e alianças matrimoniais. Por fim, segundo o autor, apesar de os processos de industrialização e modernização em diferentes partes do mundo provocarem mudanças e redução das diferenças culturais, não significou a homogeneização das identidades étnicas e das diferenças em termos organizacionais. Observa que as formas contemporâneas das organizações étnicas se viabilizam por um caráter político e a educação se tornou uma bandeira política das lideranças dos grupos étnicos.

Para pensar o conceito de hibridez, Hannerz dialoga com antropólogos que estudaram a partir de locais onde os habitantes são mestiços e cosmopolitas e a hibridez ajuda a identificar as pessoas. O autor rebate as concepções puritanas de que as hibridizações provocam degradações morais e culturais. Por isso, Hannerz estabelece uma análise das concepções sócio-culturais antagônicas entre hibridização e pureza. Segundo sua análise, de um lado temos conceitos que podem ser considerados aliados da noção de hibridez, como: impureza, novidade, mestiçagem,

miscigenação, miscelânea, margem, transformação, mudança, renovação cultural, contato e troca cultural, diferenças, criatividade cultural, processo de fusão, colagem, montagem, sinergia, bricolagem, criolização, sincretismo, transculturação, terceiras culturas, processo, mobilidade, flexibilidade, contradições, ambiguidades, coexistência cultural, ironias, subversão e desestabilização da autoridade cultural colonial. Do outro lado, associadas às concepções de pureza, são encontradas as noções de imutabilidade, absolutismo, colonialismo, “culturas limitadas”, “culturas homogêneas” e “culturas atemporais”.

A encruzilhada, enquanto noção étnica e categoria antropológica, é analisada por José Carlos dos Anjos relacionada ao conceito de “território da linha cruzada” e como uma “cosmopolítica afro-brasileira”. A categoria encruzilhada é associada às concepções de incerteza, acontecimentos insólitos e está no plano das representações religiosas e também nas estruturas organizativas de grupos afro-brasileiros. A encruzilhada é lugar de disputa e conflitos, em termos de representações políticas e religiosas, bem como no plano da realidade. A encruzilhada, no plano religioso afro-brasileiro, é vista como fechada e aberta, sendo elas usadas como lugares de oferendas ao “povo da rua” (exu) destinadas a diferentes finalidades, podendo ser tais oferendas para abrir ou fechar os caminhos de uma pessoa, pois a encruzilhada é o lugar de exu, sendo essa a divindade que abre ou fecha os caminhos. A encruzilhada é lugar de multiplicidade e metamorfose. Ela é o ponto zero no processo de subjetivação, sendo concebida como um não-território e um lugar perigoso e frágil da relação de identidade, pois nela se dá a relação com exu que é a entidade que não demarca um território de identidade, tratando-se de um laço fluído e de uma relação que se aproxima das relações clientelistas, chegando a um processo (movimento e fluxo) de desterritorialização da pessoa. A encruzilhada pode ser o começo, a abertura de um fluxo, quanto o fim de um território existencial, pois a vida é entendida como um território, e o cruzeiro que se encontra no cemitério representa a encruzilhada entre a vida e a morte. O autor chama a atenção para o fato de no território existencial da linha cruzada, incluindo os corpos, circulam energias positivas e negativas, e observa que as energias positivas são nômades e que não fecham um território. A encruzilhada é entendida também como ponto de encontro de diferentes caminhos que não se fundem numa unidade, mas seguem como pluralidades. A encruzilhada é entendida como categoria por meio da qual a religiosidade afro-brasileira pensa as diferenças e multiplicidades em constante metamorfose, em uma lógica substancialmente diferente das cosmovisões ocidentais, pois tal religiosidade trabalha com o princípio da contradição. Segundo o autor, uma primeira característica da lógica rizomática da religiosidade afro-brasileira é que, ao invés de dissolver as diferenças, ela conecta o diferente ao diferente, deixando as diferenças subsistirem como tais. A segunda característica da lógica das diferenças nessa religiosidade é que as diversas nações africanas e afro-brasileiras (políticas e religiosas) não são essências identitárias pertencentes a indivíduos, mas territórios simbólicos de intensidades diversas, passíveis de serem percorridos por multiplicidades de raças e indivíduos.

Questão 3) W.E.B Du Bois – véu e dupla consciência. Paul Gilroy - Atlântico Negro e redes, fluxos, trocas e estruturas transnacionais. Diáspora africana e hibridismo cultural. Cultura negra, identidade, comunidade e pertencimento. Intelectuais negros, experiências de viagem, memória da escravidão e exílio. Cultura musical negra e as histórias de deslocamento, empréstimos, transformação, reinscrição e hibridização. Oyèrónké Oyěwùmí – conexões entre identidade social e pesquisa científica. História dos discursos de gênero nos estudos africanos. Gênero e Iorubalândia. Multidimensionalidade do colonialismo. Estado e educação. Estratificação e desigualdades. Cedric Robinson – capitalismo racial e tradição radical negra. Crítica dialética do marxismo. Marxismo e luta negra, raça e classe. Filosofia política e modernidade eurocêntrica.

Nacionalismo e Universalismo, Racismo e Colonialismo. Memória e Arqueologia das lutas negras em diáspora.”

Em relação às questões acima, e às ideias efetivamente trazidas quando da aplicação da mesma, presencialmente, no dia 14 de outubro de 2024, **conforme previsto no edital**, a resposta foi (e segue sendo) considerada incompleta. Observa-se que todos os critérios de avaliação da ficha de avaliação, presentes no Edital como Anexo IV foram devidamente considerados na avaliação. São eles: clareza na dissertação do conteúdo das respostas que revele domínio da língua portuguesa, domínio dos conceitos utilizados pela bibliografia indicada e empregados na escrita da prova, argumentação que relacione e articule de forma adequada a bibliografia mencionada nas questões escolhidas, e, foco e coerência nas respostas das questões escolhidas.

Observa-se ainda que pelo menos dois deles, inclusive, não focam no conteúdo específico da área ou da disciplina considerada, pois remetem mais a qualidades dissertativas. Ao mesmo tempo, na introdução de seu recurso o candidato mesmo admite, em grifos nossos no início da resposta a este recurso, “ciente de que meu desempenho ficou aquém do necessário”. Nesse sentido, a releitura da prova original, resultante da interposição do recurso, não levou à reconsideração da nota. Para maior transparência e legitimidade do processo avaliativo, cópia digitalizada da prova escrita segue ao final da resposta ao recurso.

Portanto, seguindo diretrizes e protocolos estabelecidos no EDITAL 1 2024 PROCESSO SELETIVO PARA O INGRESSO EM 2025 NO CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS, assim como na RESOLUÇÃO CEPE Nº 40/2014, e ainda segundo as análises feitas nas avaliações de ambas as questões respondidas, a nota final de 40,00 pontos está mantida. Portanto, a comissão de avaliação conforme etapa recursiva prevista na RESOLUÇÃO CEPE Nº 40/2014, indefere o pedido de recurso acima feito em nome de candidata/o/e com código de inscrição ME24-17.

Sem mais, a comissão avaliadora faz votos de novas e inspiradoras iniciativas do candidato em próximas seleções.

Comissão Examinadora:

Profa. Dr. Maro Lara Martins (Presidente)

Prof. Dr. Marcelo Martins Vieira

Prof. Dr. Osvaldo Martins de Oliveira

CANDIDATO: 2417

QUESTÃO 2

É por meio das diferenças percebidas no outro que se forma uma noção de identidade. Isso é uma afirmação retirada de Heidegger. Martin Heidegger, mais especificamente falando dessa forma de entendimento que consolida as noções de identidade, agora se dá no campo das ciências sociais, segundo BARTH, identidades e diferenças são dinâmicas criadas pelo grupo da sociedade, que apesar de todos os esforços ideológicos de conservadorismo, está em constante movimento, não havendo assim qualquer intima nos grupos, mesmo os dominantes, que esteja acima dessas dinâmicas de "Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia", uma equivalência impossível para a impossibilidade de trabalhar de duas vezes na mesma água, proposta por Heidegger.

Retornando o nível sociológico das coisas, perante a me-
ritarrel gñlta d'essa material
materialidade existe um ponto
de encontro, concreto ou
simbólico, entre os diferentes
grupos que compõem a
ocorrida.

Dessa interação nos proce-
tos da vida surgem novas
redes e grupos que
corregam em si traços
dos dois ^{out} lados dessa faixa
que é de delimitação,
mas também de transição.
Exemplifico o que o autor
chamou de beludo cultu-
ral o atual momento
do movimento AAP no mundo
como elemento de uma
cultura de contestação,
abordando demandas aci-
cis de desgaravadas nos
anos 80, o NAP de hoje
tem entre diversos, entre
alegruência. Outro pro-
pósito. Ilustrando, como
mera estdo, campanhas
publicitárias e políticas, além
de estar a serrela seleto
gto dos ideais de consumo.

É fácil identificar tanto
o humanismo resultante
quanto a maleabilidade ^{social} ~~da~~ e
própria praxeia.

A sacralização proposta
pela eulogyria é um
encontro. Uma comu-
nidade negra está prestes
a ser alcançada pelo
monstro do Estado, com
seus tentáculos burocrati-
cos e seu apetite voraz
de nutrir interesses eco-
nômicos.

Novamente face a classe
tentam resistir os conduta-
te ideal. Contra a leu-
cracia, a canetada, os
empresários e os forças
policiais, ~~estes~~ esse comu-
nidade conta com a
F.

A té que caracteriza e
para o Bem e a Esperança
também simboliza a
inferioridade, diante
de uma sociedade que
valoriza o Ten, a lutoçã,
o Shopping, a estrada
e o dinheiro, mesmo

Diante desse cenário
concreto, o que seria
essa comunidade e
de seu território sem
a Fé.

Um território que foi
não é o seu território
original, assim como
sua Fé que também
é resultante da mistu-
ra, do contato, da interação,
da imposição e que
também está em mo-
vimento.

CONTRIBUTO · 2417

Quintais (3)

Sugestão é aquela que vem de cima e não de baixo, sem necessariamente vinda-se. Terei esse tratado do filósofo soproentender. Que teria a ver esse tratado com o que em os autores propostos na Bibliografia concetiva como "Duplo Consciência"? Verdade e representação.

Gilroy se refere aos apelo- nos contralaborados para a América e ao que eles representam para a sociedade atual.

Vejam os: Brasil, Estados Unidos e Haiti. Três continentes com aspectos históricos diferentes para seus escravizados.

Esse processo moldou de forma diferente os corpos negros desses países.

Assim, as desigualdades sociais se manifestam de maneiras diferentes,

mas se sustentam por
uma memória coletiva
comum, que também é
base do racismo.

Racismo este, moldado
de muitas maneiras, segun-
do Palumbo é uma
consequência natural,
já que é o próprio racis-
mo uma das bases
fundamentais onde o
capitalismo se desenvolve.

Um país, quando em
suavização se percebe
com um papel prestabelecido,
desprezado, ou nem
tanto, pelos valores morais
e leis ele perde o domí-
nio sobre o que o filósofo
~~que menciono no início~~
mencionado no início

define como a outra
esfera da existência
Humana: A verdade.

Exemplifico essa questão
filosófica da verdade
com a autora sugerida
que fala justamente
desse papel ocidental
criado para representar
a mulher.

Essa determinação do gênero como classe é diferente na cultura africana que ^{a cultura} se apresenta. Essa representação, faz com que a vontade da mulher, em geral, é sempre questionada, negligenciada ou perdida. Sendo então o Racismo um instrumento do capitalismo que legitima ~~o~~ em caráter simultâneo a psicologização da negra contemporânea e a exemplo a "invenção do mulher" e da questão anterior recorrer à fé, ao talento, à arte ou à resiliência que ninguém quer ^{precarizar} desvalorizar que possui, ^{para} erguer-se e erguer aos seus, nessa tentativa de equalizar a personalidade social, faz que não se consegue fazer prevalecer a vontade de destruí-lo. Enquanto isso, vários papéis pre-estabelecidos e ressignificados próprios identitariamente continuam sendo uma conquista recente.